

## RUA DO ROCIO

Ato nº 159 de 17-02-1939, Artigo 1º, § 18º

Formada pela Travessa Valente

Início na rua General Osorio

Término na rua Bernardino de Campos

Centro

Obs.: O Ato foi baixado pelo Prefeito Municipal Euclides Vieira. O nome foi sugerido por uma comissão formada por elementos da Sociedade Amigos da Cidade e Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Esta rua também foi chamada de "Beco do Sereno".

## ROCIO

A rua do Rocio origina-se da Travessa Valente, cujo nome deve a Joaquim Inácio Valente, proprietário daquela área, e que por volta de 1915 a 1918, subdividiu o terreno, para a construção de pequenos sobradinhos, com a finalidade de alugá-los. Com o tempo, no fim da década de 1940 e início da década de 1950, era conhecida por Beco do Sereno, devido a alguns grupos de boêmios, que constantemente, costumavam fazer serenatas e cantorias por aquelas imediações. Rocio, cuja grafia mais correta deveria ser com dois "esses" (Rossio), segundo o historiador e advogado, dr. Julio Mariano Júnior, "tem o significado de terreno público municipal, terreno de uso público e principalmente o de praça central, o largo à frente da casa da Câmara ou à frente da igreja (capela da freguesia, ou igreja paroquial, igreja matriz). Malgra do muitos acreditem que a origem dessa denominação deve-se ao fato de essa rua encontrar-se próxima do "rocio" de Campinas, a verdade, é que a denominação foi dada independentemente de qualquer ligação com esses fatos. A comissão criada para a denominação de diversas ruas, escolheu a nomenclatura sem a intenção de tê-la próxima ou distante de qualquer coisa. Foi dada, por coincidência, à Travessa Valente. Como poderia ter sido dada a qualquer outra via localizada em algum bairro distante. À título de curiosidade: o "rossio" de Campinas teve área de um quadro de um quarto de légua "para os lados do pelourinho". O pelourinho, pelo que se sabe, foi localizado, mais ou menos, à altura de onde hoje existe o cruzamento da rua Barão de Jaguará com a avenida Benjamin Constant, junto à Praça Bento Quirino.

RUA DO ROCIO



ATO N.º 159

Dá denominação a ruas da cidade

O Dr. Euclides Vieira, Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições de seu cargo; e

Considerando a conveniencia de serem denominadas novas ruas da cidade, e tendo em vista as sugestões apresentadas à Prefeitura pela Sociedade Amigos da Cidade, pelo Centro de Ciências, Letras e Artes e outras entidades, todas visando nomes e fatos relacionados com a vida da cidade e do Município, bem como os acontecimentos de ordem geral, nos quais Campinas, seus filhos ou seus habitantes tivessem cooparticipação, como consta da exposição apresentada pelo Centro de Ciências, Letras e Artes desta cidade, e cumpridas as formalidades do Decreto n.º 8.865, de 27 de Dezembro de 1937,

RESOLVE:

Art. 1.º — Ficam denominadas pela forma seguinte as vias publicas abaixo descritas:

- § 1.º — D. PEDRO I, a que tem início na Avenida Brasil, na Vila Nova, entre as ruas G. Cesar e C. Pimentel, seguindo diagonalmente até encontrar a rua Maria Lins, (Bairro de Vila Nova).
- § 2.º — BARTOLOMEU BUENO DA SILVA, a que tem início na linha da Companhia Mogiana, no bairro do Taquaral, em continuação á rua Diogo Prado, terminando na rua Paula Bueno. (Taquaral).
- § 3.º — DR. JOSE' DE CAMPOS NOVAES, a que tem início na Avenida Orosimbo Maia (atual rua Jorge Miranda), na esquina da rua Paula Bueno, e termina na Av. Barão de Itapura, no prolongamento da rua Buarque de Macedo, (Jardim Elisa).
- § 4.º — DR. ANTONIO DE SOUZA CAMPOS, a que tem início na rua Diogo Prado, entre as ruas Barão de Ataliba e Carlos Guimarães, segue paralela a esta e termina na rua Major Solon. (Antiga rua Ana Eufrosina).
- § 5.º — VISCONDE DE TAUNAY, a que começando na Avenida D. Libania, entre as ruas Barata Ribeiro e Prefeito Passos, terminando na Avenida Itapura. (Vila Itapura).
- § 6.º — ENGENHEIRO SATURNINO DE BRITO, com início na rua José Paulino, entre as ruas Jorge Miranda e Alvaro Müller, seguindo paralela a esta até encontrar a primeira citada. (Vila Itapura).
- § 7.º — ALFERES FRANCISCO NOGUEIRA, com início na rua Guilherme da Silva, entre Avs. Julio Mesquita e Anchieta, até a Travessa Irmãos Bierrenbach, depois de uma deflexão á direita. (Vila Julio Mesquita).
- § 8.º — DR. ALBERTO SALLES, com início na rua Barão Geraldo de Rezende, entre Hercules Florence e Barão de Itapura, terminando na rua José Paulino, no cruzamento com a Francisco Glycerio. (Travessa Cury).
- § 9.º — COMENDADOR PAULA CAMARGO, com início na rua José Paulino, entre Delfino Cintra e Barão Geraldo de Rezende, terminando na rua Prof. Luiz Rosa. (Arruamento Avelino de Souza).
- § 10.º — RUA DO ALGODÃO, com início na rua Governador Pedro de Toledo (3.ª Travessa á direita, depois da rua General Bento Bicudo), terminando na rua 34 do arruamento do Jardim Chapadão.
- § 11.º — RUA DO CAFE', com início na rua Governador Pedro de Toledo (2.ª Travessa á direita, depois da rua General Bento Bicudo), terminando na rua 34 do arruamento do Jardim Chapadão.
- § 12.º — RUA DO ASSUCAR, com início na rua Governador Pedro de Toledo (1.ª Travessa á direita, depois da rua General Bento Bicudo), terminando na rua 34 do arruamento do Jardim Chapadão.
- § 13.º — MAESTRO MANUEL JOSE' GOMES, com início do lado par da rua Governador Pedro de Toledo, entre as ruas Julio Ribeiro e General Bento Bicudo, terminando na rua Arnaldo de Carvalho. (Jardim Chapadão).
- § 14.º — DR. PAULO FLORENCE, com início na rua Joaquim Villac (1.ª Travessa ao lado direito) segue em direção ao Azilo de Invalidos, e termina no encontro da Chacara do Snr. Targino Nogueira de Souza e outros (Estrada do Azilo).
- § 15.º — CUSTODIO MANUEL ALVES, com início na rua Governador Pedro de Toledo (1.ª Travessa em diagonal ao lado impar)

- segue em direção do Armazem Regulador, passando ao lado do Jockey Club e terminando em rua sem denominação do arruamento de A. I. Teixeira de Camargo. (Bomfim).
- § 16.º — PROFESSOR CHRISTIANO WOLKART, com início na rua Bueno de Miranda, entre as ruas Maximiano de Camargo e Antonio Bento, terminando na rua Antonio Alvaro. (Vila Industrial).
- § 17.º — CORONEL ANTONIO LEMOS, com início na rua Dr. Carlos de Campos, entre as ruas Elias de Souza e João Theodoro, terminando no Corrego do Matadouro. (Vila Itacema).
- § 18.º — RUA DO ROCIO, com início na rua General Osorio, entre Saldanha Marinho e 11 de Agosto, terminando na rua Dr. Bernardino de Campos. (Travessa Valente).
- § 19.º — ENGENHEIRO PEREIRA REBOUÇAS, com início na rua São Carlos, abaixo da rua 24 de Maio, segue paralelamente ao prolongamento desta até a rua do arruamento da Chacara Arvore Grande, pela qual segue até encontrar a rua João Theodoro, na qual termina. (Vila Industrial).
- § 20.º — JORGÉ HARRAT, com início na Avenida da Saudade (1.ª Travessa do lado par) segue paralelamente á rua Alvaro Ribeiro, e termina na Estrada de Rodagem de São Paulo. (Travessa Godoy).
- § 21.º — AVENIDA WASHINGTON LUIZ, com início no encontro das ruas Alvaro Ribeiro e General Carneiro, prosseguindo pela Estrada de Rodagem de São Paulo.
- § 22.º — ROBERTO NORMANTON, com início na Avenida da Saudade (2.ª Travessa do lado par) segue paralelamente á rua Alvaro Ribeiro, terminando na Estrada de Rodagem de São Paulo. (Vila Emy).
- § 23.º — REGINALDO SALLES, com início na Estrada de Rodagem de São Paulo, (4.ª Travessa do lado impar), segue em direção da rua Salles Leme. (Vila Emy).
- § 24.º — ENGENHEIRO ANTONIO F. PAULA SOUZA, com início na rua Dr. Belim (1.ª Travessa do lado impar) e termina na Chacara dos Irmãos Valente. (Vila Paraíso).
- § 25.º — ANTONIO ALVES ARANHA, com início na Av. Barão de Itapura, segue paralelamente á Av. Brasil, entre esta e a rua Christovam Colombo, terminando em uma praça circular, junta á linha da Companhia Mogiana. (Travessa Itapura).
- § 26.º — DR. JOSE' INOCENCIO DE CAMARGO, com início na rua Barão de Ataliba, entre Dioguinho e Major Solon, seguindo paralelamente aquéla até a rua Dr. Carlos Guimarães. (Antiga Inacio Bueno).
- § 27.º — ALFÉRES DOMINGOS, começa na rua 1, da Vila Julio Mesquita, segue paralela á rua Guilherme da Silva e depois de uma deflexão á esquerda, segue paralela á Av. Julio Mesquita, pelos fundos dos lotes e defletindo novamente á esquerda, paralela á Travessa Irmãos Bierrenbach, terminando na rua 1. (Vila Julio Mesquita).
- § 28.º — JOÃO FRANCISCO DE ANDRADE, com início na rua 14 de Dezembro entre as Avs. Anchieta e Julio Mesquita, segue paralela a esta, e termina na rua Guilherme da Silva.
- § 29.º — DA CONSTITUIÇÃO, com início na rua Governador Pedro de Toledo, em frente á rua Germania.

Art. 2.º — A pequena praça situada em frente á Praça 15 de Novembro, antigo Largo de Santa Cruz, do lado impar da rua Major Solon, fica denominada PRAÇA HERÓIS DA LAGUNA.

Art. 3.º — A atual RUA DO CAFE', no bairro do Botafogo, entre a Avenida Itapura e a rua Antonio Guimarães, passará a denominar-se RUA DR. OCTAVIO MENDES.

Art. 4.º — O trecho da rua Jorge Miranda, que acompanha o canal do Saneamento, tendo início na rua José Paulino, passa a denominar-se AVENIDA OROZIMBO MAIA.

Art. 5.º — Este ATO entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrario.

Paço Municipal de Campinas, aos 17 de Fevereiro de 1939.

Euclides Vieira  
Prefeito Municipal

Publicado na DIRETORIA DO EXPEDIENTE da Prefeitura Municipal, em 17 de Fevereiro de 1939.

O Diretor,  
F. Campos Abreu



## Administração Municipal

# O termo e o roccio de Campinas

Mariano Júnior

A nota publicada neste "Correio" em 2 deste mês de novembro (p.5), alusiva à reunião de pessoas que se esforçam no preservar exemplares históricos da arquitetura de Campinas, refere-se também à Rua do Rossio e às residências nela existentes, para um tombamento.

Acontece que a nota menciona, por um cochi-lo, Rua do "Rócio", quando a dúvida levantada para muitos e desde 1939, é a de ser o nome desse beco "Rocio" (orvalho, gotículas de umidade nas folhas das plantas), ou de denominar-se a curta via pública "Rocio", palavra também com acento tônico no *i*, em grafia errada mas corrente há séculos, sendo a melhor "Rossio", da terminologia jurídica arcaica, portuguesa e brasileira.

Desde logo, para os que não puderam aprofundar-se na história do direito português e nacional, frisamos que essa rua nunca poderia ser do "Rócio" porque esta palavra significa empáfia, vaidade, presunção...

Os mais antigos documentos do registro histórico da freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas ou, depois, da Vila de São Carlos, formada à margem do caminho que vinha da Vila de Jundiá e seguia por Mogi Mirim ou Mogi Guaçu para "as minas dos Guaiases", já faziam referência ao roccio de Campinas porque esta palavra tem o significado de terreno público municipal, terreno de uso público e principalmente o de praça central, o largo à frente da casa da Câmara ou à frente da igreja (capela da freguesia, ou igreja paroquial, igreja matriz):

Do roccio, no entanto, faziam parte também os terrenos públicos em torno da vila, dentro da área ou território que era o seu termo, de umas seis léguas "para cada lado", como por princípio marcavam-se para as vilas do interior do Brasil (V. "História da Fundação de Campinas (subsídios)", de Teodoro de Sousa Campos Jr., na "Monografia Histórica do Município de Campinas", ps.36 e 40).

Em indicação do nome de Barreto Leme para uma nova rua da cidade, ou para a Rua da Matriz Velha (a de trás da Matriz do Carmo), em sessão da Câmara de 21 de dezembro de 1864; por proposta do vereador dr. Ricardo Gumblenton Daunt (conta Júlio Mariano em "Campinas de

Ontem e Anteontem", ps. 116 e 117), falou-se do "pleno domínio da Câmara no terreno do seu roccio". Com o significado de largo, ou praça, do domínio público, o roccio (esta a melhor grafia, a ligada ao étimo ressa, embora incerto) teve área, em Campinas, de um quadro de um quarto de légua "para os lados do pelourinho", e nessa área edificaram-se a casa da Câmara, com cadeia, de um lado (onde hoje está o monumento de Carlos Gomes), e do outro a Igreja matriz (a atual e muito transformada Matriz Velha).

Em adendo ao que escreveu Júlio Mariano em "Campinas de Ontem e Anteontem" (p. 117), ao certo a Rua do Rossio, um beco ali na Rua General Osório (antiga Rua das Casinhas), não teve tal denominação por se localizar no antigo roccio do centro da freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas e depois da Vila de São Carlos. Esse nome de via pública tem outra história.

Havendo conveniência de serem denominadas novas ruas desta urbe e ocorrendo de serem apresentadas ao prefeito, pela Sociedade Amigos da Cidade, pelo Centro de Ciências, Letras e Artes e por outras pessoas, sugestões "visando nomes e fatos relacionados com a vida da cidade e do município, bem como os acontecimentos de ordem geral, nos quais Campinas, seus filhos ou seus habitantes tivessem co-participação", em 17 de fevereiro de 1939, o prefeito eng. Euclides Vieira resolveu editar o Ato nº 159, a dar nome a 31 vias públicas. Um eram ruas novas em alguns bairros; outras ruas tinham nomes populares ou mesmo oficiais, que o ato mudava; e na maioria dos casos, davam-se os nomes de vultos importantes da história de Campinas, assim como o de D. Pedro I, às vias públicas do centro ou de bairros urbanos e até o nome da Praça Heróis da Laguna a uma parte da Praça 15 de Novembro, "antigo Largo de Santa Cruz".

Por esse Ato nº 159 (art. 1º, §18), a antiga Travessa Valente, que ligava a Rua General Osório à Rua dr. Bernardino de Campos, entre as ruas Saldanha Marinho e 11 de Agosto, passou a ser oficialmente denominada Rua do Rossio. A grafia do novo nome, porém, como vinha acontecendo havia séculos, desde Portugal, foi de Rua do Rocio (com a letra *cê* e o acento tônico no *i*).

A respeito do roccio de Campinas, uma parte do seu termo, ou de seu território enquanto freguesia, vila e depois cidade, e mesmo neste século, no governo do prefeito Rui Novais (1.956 a fevereiro de 1959), e ainda sobre os litígios judiciais envolvendo posse de terrenos do roccio, contaremos em outra ocasião.

**CORREIO POPULAR S/A**

CAMPINAS, DOMINGO, 20 DE NOVEMBRO DE 1983

# Rócio, um beco que o tempo esqueceu

É um beco perdido no meio da cidade, e que hoje passou a ter o nome de rua. São quinze casas iguais, cada uma com calçadas e cores diferentes... com muitas histórias escondidas em cada sobrado. O seu piso de paralelepípedos há muito esqueceu os velhos moradores.. eles já não vivem mais no "Beco do Sereno". Escondida entre prédios, com pessoas vivendo em seus sobrados com grande rotatividade, a Rua do Rócio é mais uma parte de Campinas que resiste ao tempo, mantendo consigo um tipo de arquitetura que a história acabou.

A data da sua criação ninguém sabe, ou pelo menos os historiadores de Campinas desconhecem. O estilo arquitetônico, porém, é do início do século. Hoje são 15 casas ao todo, idênticas na construção, além de uma oficina de bicicletas e a extensão de um quintal, que destoam do restante do Beco. Imprensado entre a General Osório e a Bernardino de Campos, ele passa despercebido por motoristas e transeuntes.

O nome do Beco do Sereno veio, acredita o Seu João, morador de uma rua próxima, das reuniões que antigos boêmios — "na época que Campinas era calma" — faziam. Porém, atualmente, apenas os velhos moradores da cidade ainda conhecem a Rua do Rócio pelo seu velho apelido. Estreita, dando passagem para apenas um veículo de cada vez, ela já esqueceu as suas lendas e os seus antigos moradores. Os de hoje apenas repetem, quase uníssonos, que "o lugar é bom". Poucos se conhecem, e a maioria mora e vive há poucos anos — às vezes meses — nas casas coloridas.

Procura-se pelo morador mais antigo. É uma se-

nhora de cabelos brancos, sentada sobre o pára-lama de um carro. O dia está quente. Sem dizer o nome, ela também afirma que "o lugar é bom e não lhe falta nada". Relembra que pouca coisa mudou desde que chegou no Beco, há 12 anos. Mas não sabe de nada sobre a história do lugar. Pedindo para entrar em casa, dizendo-se "feliz por morar na Rua", ela aponta para outra casa: "lá tem uma mulher que também é velha".

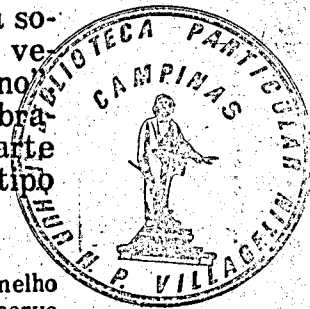
Mas a "velha moradora" tem apenas seis meses de

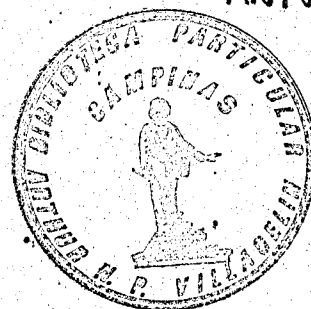
vida no sobrado vermelho do Beco — que hoje serve de casa de cômodos, com vagas para rapazes. Ela prefere não se identificar e lembra que "a Dona Maria vive há anos no local". Mais uma tentativa e a história do Rua Rócio termina na perspectiva do seu marido, José Samra, que consegue apenas dizer que "maus elementos moram aqui, um pessoal meio ruim". Pára, pensa um pouco e, escondido detrás da porta — falando através do visor — recorda, porém, que também "existem boas pessoas".

## Histórias? Hoje ninguém se lembra

O casa Samra só tem quatro anos de Beco. Não existem velhas histórias para se contar. Assim, o Beco do Rócio (que juntamente com o Beco Coronel Rodvalho são os dois únicos que resistem, no Centro, ao tempo e às empreiteiras), parte viva de um estilo arquitetônico, enclausura-se entre grandes prédios e avenidas. Longe das canções dos velhos boêmios, o "Beco do Sereno", como tantos outros lugares de Campinas, descansa entre o abandono e o esquecimento.

Em lugar das notas de canções, o martelo a bater nas bicicletas penduradas, ou o ronco do motor de carros que estacionam na busca de uma vaga "pra ficar". Os sobrados, com teto de táboas servindo de ferro e portas e janelas de madeira esperam apenas o tempo voltar. E nas calçadas, coloridas — algumas com ladrilhos antigos, quebrados — estreitas, parte da história da cidade permanece sem se tocar. No Beco (Rua) do Rócio e seu calçamento de paralelepípedos no chão, a vida esqueceu de passar... e ficou, sem saber, a esperar.





## RUA DO ROCIO

O rocio foi demarcado (1797) com base no pelourinho que se levantou no "largo da Matriz Velha", de onde partiu para quatro lados, colocando-se nos seus cantos marcos para a fixação de sua área.

Naquela época, o termo "rocio" aplicava-se na delimitação do perímetro citadino.

A "travessa do Valente", que fica no trecho entre as ruas 11 de Agosto e Saldanha Marinho e inicia-se na rua General Osorio, terminando na rua Bernardino de Campos, recebeu o nome de rua do Rocio por localizar-se nas proximidades dos limites do traçado do rocio.

Aquele primeiro nome derivava do proprietário da área da situação, Joaquim Inácio Valente, que subdividiu o terreno, para construção de pequenos sobrados por volta do início do século (1917-1920), com a finalidade de arrendá-los.

A sugestão foi levada à Prefeitura por uma comissão formada pela Sociedade Amigos da Cidade e Centro de Ciências, Letras e Artes, sendo aprovada, através do Ato 159 de 17 de fevereiro de 1939, pelo prefeito Euclides Vieira.

(Extraído das páginas 103/104 do livro "Campinas - Ruas da Época Imperial", de autoria de Edmo Goulart, edição de 1983, da Editora Meranata, à rua Piracicaba, 232, Campinas, SP)